

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação

MULTI

Tecido a muitas mãos:
experienciando diálogos na pesquisa em educação
ambiental

Maria Rita Avanzi

Orientador: Moacir Gadotti

São Paulo
2005

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação

Tecido a muitas mãos:
experienciando diálogos na pesquisa em educação
ambiental

Maria Rita Avanzi

Orientador: Moacir Gadotti

Tese apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Educação
– Área temática: Cultura,
Organização e Educação da
Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para
obtenção do título de Doutora
em Educação.

São Paulo
2005

DEDALUS - Acervo - FE



20500089004

Biblioteca / FEUSP

051424

Agradeço...

Ao grupo-pesquisador, que é o alimento desta pesquisa, pela oportunidade de vivenciar uma trajetória que me modificou profissional e pessoalmente, por nossos diálogos transformadores, pelo aprendizado sobre as diferenças e idiosincrasias. Agradeço a cada uma de suas integrantes: Alik pelas conversas pausadas e provocantes, Vivian pelo bom humor de sempre e pelas partilhas de escritos de Clarice Lispector, Érica por sua praticidade e pela facilitação dos trajetos institucionais, Alessandra por tantos aprendizados, Caroline pelos nossos encontros poéticos, Rita pela tranquilidade e pela oportunidade da primeira orientação, Shaula pelo estímulo na busca por outras linguagens, Kellen pelas trocas entre imagens e palavras, Susana pelas desconstruções que me provocou, Fátima pelo trabalho conjunto por um curto, mas prazeroso, tempo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Moacir Gadotti, pela oportunidade de desenvolver este doutorado e por promover minha aproximação aos amigos do Instituto Paulo Freire, a quem também sou grata pelas lições freireanas, em especial aos educadores e coordenadores do Projeto Jovem Paz: Ângela, Salete, Padilha, Maragarita, Luisinho, Luciano, Naiman, Paulina.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, pelo convite para fazer parte da equipe que desenvolveu o Projeto temático Floresta & Mar. É um agradecimento especial aos pesquisadores e pesquisadoras: Natália Hanazaki, Nivaldo Peroni, Pedro Silveira, Paulo Inácio Prado, Fábio Castro, Simone Siviero.

Aos que me apresentaram os vales do Vale do Ribeira: Luíza Alonso, Ana Rabeschini, à família Prado da EEJI, em especial a Dauro, Glória e Elisia; aos moradores e moradoras de Pedrinhas: D. Benedita, D. Joana e Seu Lino, Nezinho, Fábio pelo brilho de seu olhar aprendiz, Seu Sebastião e o som de sua rabeca, Neusa e Luís pela hospitalidade, Seu Juvenal e sua jovialidade; aos monitores: Leco, Tapico, Major, Aiberê, Peixe Frito; às professoras do Bairro da Serra, Sandra e Tânia.

Aos bons encontros acadêmicos, porque transformadores: Isabel Carvalho e Eda Tassara pelas contribuições na banca de qualificação, mas também por ricas trocas em outros espaços: Isabel, por trazer com sua escrita e suas falas uma desestabilização que tem me mobilizado a buscar outros autores e teorias e trazê-los ao campo da educação ambiental, Eda Tassara pela complexidade com que procura nos ensinar a pensar. Marcos Sorrentino pelas contribuições desde os primeiros esboços do projeto de doutorado, apoiando em tantos momentos os trabalhos do grupo-pesquisador e também no diálogo sobre o texto da qualificação, regado a Julio Cortazar. Outros bons encontros acadêmicos, também mobilizadores: Phillippe Lyrargues, Lúcia Manzochi, Roseli Stizbe, Sandro Tonso, Luís Ferraro, Michele Sato, Haydeé Torres de Oliveira, Marco Malagodi, Fabíola Zerbini, Claudia Coelho, Vitor Rosa, Patrícia Pazu.

Ao cuidadoso trabalho de revisão deste texto feito pela amiga e companheira de trabalho, Eliana Kefalás Oliveira.

À Helena Heloísa Ribeiro, pelo abstract tão prontamente traduzido, mas também pelos muitos ensinamentos que me traz.

À Lola Perez pelas aulas de espanhol e pela produção do resumen.

À Érica Speglich por traduzir graficamente o formato que eu havia idealizado para apresentar o perguntar constante do grupo-pesquisador. Também a ela, juntamente com Marco Malagodi e Alessandra Buonavoglia Costa-Pinto pela cuidadosa leitura da versão preliminar deste texto. Agradeço ainda à Caroline Oliveira, Vivian Oliveira e Alik Wunder, que, driblando seus outros compromissos, trouxeram contribuições pontuais e importantíssimas para o texto.

Aos colegas da Universidade São Marcos, pela criação de um ambiente de troca para nossa práxis educativa. À Meire T. Müller Soares, diretora do campus Paulínia, pela amizade que construímos e incentivo para o desenvolvimento desta tese.

Aos meus amigos-mentores intelectuais: Alcilene Cavalcante e Luís Roberto de Paula.

À querida Paula Petracco, por nosso carinho e pelo esforço tremendo no fechamento do trabalho.

A todos queridos amigos e amigas, e à minha família que compreenderam as ausências de uma doutoranda e me acolheram em tantos períodos de turbulências pessoais durante estes quatro anos de doutorado: Lúcia Portofelíz, Lica, Cidinha, Japi e Gisele, Robert e Juliana, Karla e Alci, Cris e Érica, Fátima, Lígia, Simone, Perci, Reza, Cris Bonfiglioli, Helena, Caio e Teca, Silvia Fonseca, aos meus irmãos: Vadimir, Marilza, Silvia e Paulo; à Michele, sobrinha querida; ao José, meu pai, e à minha mãe, Cleuza (in memoriam).

Resumo

Maria Rita AVANZI, "Tecido a muitas mãos: experienciando diálogos na pesquisa em educação ambiental". São Paulo, USP, Faculdade de Educação, 2005. (Tese de doutorado).

Trata-se de uma pesquisa empírica que se desenvolve a partir dos referenciais da pesquisa-ação/pesquisa-intervenção, com o objetivo de contribuir com elementos teórico-metodológicos para educação ambiental tratada a partir de uma perspectiva dialógica. A pesquisa parte do reconhecimento da educação ambiental como um campo de tensionamento e conflitos. Discute a proposição de que uma abordagem dialógica permite a manifestação das potencialidades de indivíduos e grupos para participação no estabelecimento de propostas de convívio entre si e com seu ambiente. O trabalho acompanha a trajetória de um grupo de pesquisadoras durante cinco anos de produção coletiva de conhecimento junto a grupos de moradores e moradoras do interior e entorno de Unidades de Conservação no Vale do Ribeira-SP. A trajetória do grupo-pesquisador é revisitada a partir de um diálogo entre seu fazer pesquisa e os elementos metodológicos propostos pela pesquisa-ação/pesquisa intervenção, buscando explicitar a reconfiguração de sentidos ocorrida no processo. Os fundamentos teóricos do trabalho vêm da hermenêutica filosófica, da *práxis* educativa dialógica de Paulo Freire, da noção de comunidades interpretativas proposta por Boaventura de Souza Santos, e também de autoras e autores brasileiros que problematizam a educação ambiental, dentre eles: Eda Tassara, Isabel Carvalho, Mauro Grün. Na pesquisa são considerados alguns elementos que, na sua incompletude e inacabamento, trazem contribuições para uma educação ambiental dialógica: uma abordagem interpretativa, não explicativa, em que o processo de compreensão se dá como abertura ao outro; o reconhecimento da educação ambiental como prática social e política; a inserção dos sujeitos e de seu fazer sobre o ambiente na historicidade; a importância do diálogo entre diversas formas de interpretar a realidade como busca de caminhos para estabelecer regras de convívio com o outro e com o ambiente, tratado como bem de uso comum.

Unitermos: educação ambiental, comunidades interpretativas, pesquisa-ação, pesquisa-intervenção, hermenêutica filosófica, diálogo, produção coletiva de conhecimento.

Abstract

Maria Rita AVANZI, "Woven by many hands: experiencing dialogues in researching environmental education."

This is about an empirical research developed from action-research/intervention-research references, aiming at contributing with theoretical and methodological elements for the environmental education from the approach of a dialogical experience. The research starts from recognizing that environmental education is a field rich of tensions and conflicts. The main argument is the proposition that a dialogical approach allows for the manifestation of individual and group potentials which enables the participation in proposals of living together and mingling with the environment. The work traces the path of a group of women researchers during the period of five years of group cognitive production among dwellers of Ribeira Valley Conservation Units – São Paulo, Brazil who live within and on the outskirts of the area. The path taken by the researchers is re-visited based on the interaction between the act of researching and the methodological elements proposed by the action-research/intervention-research, seeking to explain the re-structuring which occurred throughout the process. The theoretical tenets come from the philosophical hermeneutics, from the educational dialogical praxis of Paulo Freire, from the notion of interpretative communities brought about by Boaventura de Souza Santos, and also from Brazilian authors who focus on environmental education such as: Eda Tassara, Isabel Carvalho, Mauro Grün. Together with the research other elements are taken into consideration as well, actually because of their incompleteness and non conclusive traits, which allow for dialogical environmental education: an interpretative approach, without explanations whatsoever, where the understanding process acts as a mutual opening; the recognition of dialogical environmental education as a social and political practice; considering the individuals and their actions connected with their history and environment; the importance of the interaction of the various ways of interpreting reality to establish good rules of living together and the environment, whose use is considered to be a common asset.

Key Words: Environmental education, interpretative communities, action-research, intervention-research, philosophical hermeneutics, dialogue, group production to gather information and knowledge.

Resumen

María Rita AVANZI, "Tapicería con muchas manos: vivenciando diálogos en la investigación en educación ambiental"

Se trata de una investigación empírica que se desarrolla a partir de los referenciales de la investigación-acción/investigación-intervención, con el objetivo de contribuir con elementos teórico-metodológicos para educación ambiental, tratada esta a partir de una perspectiva dialogística. La investigación se inicia a partir del reconocimiento de la educación ambiental como un campo de tensión y conflictos. Discute la proposición de que un abordaje dialogístico permite la manifestación de los potenciales de individuos y grupos para su participación en el establecimiento de propuestas de convivencia entre ellos y con su medio ambiente. El trabajo acompaña la trayectoria de un grupo de investigadoras durante cinco años de producción colectiva de conocimiento junto a grupos de moradores y moradoras del interior y del entorno de Unidades de Conservación en el *Vale do Ribeira*, en el estado de *São Paulo*, Brasil. La trayectoria del grupo-investigador es re-visitada a partir de un diálogo entre su quehacer-investigación y los elementos metodológicos propuestos por la investigación-acción/investigación-intervención, buscando explicitar la reconfiguración de sentidos ocurrida durante el proceso. Los fundamentos teóricos del citado trabajo provienen de la hermenéutica filosófica, de la praxis educativa dialogística de Paulo Freire, de la noción de comunidades interpretativas propuesta por Boaventura de Souza Santos, además de autoras y autores brasileños que problematizan la educación ambiental, entre ellos: Eda Tassara, Isabel Carvalho, Mauro Grün. Junto con la investigación son considerados algunos elementos que en su incompletud e inacabado, traen contribuciones para una educación ambiental dialogística: un abordaje interpretativo, no explicativo, en que el proceso de comprensión se da como apertura al otro; el reconocimiento de la educación ambiental como práctica social y política; la inserción de los sujetos y de su quehacer en el ambiente, dentro de la historia; la importancia del diálogo entre diversas formas de interpretar la realidad como una búsqueda de caminos para establecer reglas de convivencia con el otro y con el ambiente, este tratado como bien de uso común.

Unitérminos: educación ambiental, comunidades interpretativas, investigación-acción, investigación-intervención, hermenéutica filosófica, diálogo, producción colectiva de conocimiento.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO | 1 |
| Capítulo 1. PRA COMEÇO DE CONVERSA | 9 |
| <i>Tecendo a muitas mãos: a dinâmica do grupo-pesquisador</i> | 12 |
| <i>Os "vales" do Vale do Ribeira</i> | 17 |
| <i>As pesquisas-intervenção em diálogo</i> | 28 |
| Capítulo 2. ARTE E CIÊNCIA DE TECER SABERES | 37 |
| <i>Entre redes, fusos e rocas: a beleza do ato de tecer</i> | 39 |
| <i>Incurões pela arte de tecer</i> | 41 |
| <i>Encontros do grupo e sua ritmicidade: as tardes de sexta-feira, os "retiros" e as orientações coletivas</i> | 44 |
| <i>Abertura a diferentes linguagens: "Continuamos dizendo-nos, mas sem as palavras"</i> | 46 |
| <i>O registro como proposta metodológica</i> | 49 |
| <i>Os trabalhos (coletivos)-de campo</i> | 53 |
| <i>O perguntar constante</i> | 54 |
| Capítulo 3. O HORIZONTE DE ONDE SE CONTA ESTA EXPERIÊNCIA: | |
| PERCORRENDO FIOS INTRODUTÓRIOS À HERMENÊUTICA | 57 |
| <i>Somos diálogo</i> | 62 |
| <i>Sobre a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer</i> | 66 |
| <i>O círculo hermenêutico da compreensão</i> | 71 |
| <i>Hermenêutica e dialética: o debate entre Gadamer e Habermas</i> | 75 |
| <i>Paulo Freire: um encontro com o diálogo hermenêutico?</i> | 77 |
| <i>Rumo às comunidades interpretativas</i> | 81 |
| Capítulo 4. MIRANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL | |
| SOB A PERSPECTIVA DAS COMUNIDADES INTERPRETATIVAS | 83 |
| <i>Educação Ambiental: diferenças que compõem um "nós"</i> | 86 |
| <i>Em busca de uma perspectiva dialógica para a educação ambiental</i> | 96 |
| <i>Pontos dispersos tecidos sobre a rede do grupo-pesquisador</i> | 101 |
| <i>As comunidades interpretativas</i> | 107 |
| <i>Um possível diálogo entre saberes</i> | 114 |

| | |
|---|------------|
| Capítulo 5. ENTRETECENDO: A EXPERIÊNCIA COLETIVA DO GRUPO- | 119 |
| PESQUISADOR | |
| <i>Trançados metodológicos I: em busca das urdiduras</i> | 125 |
| <i>Entremeio: compreendendo o horizonte da pesquisa-ação e da pesquisa participante</i> | 130 |
| <i>Trançados metodológicos II: as tramas</i> | 136 |
| <i>Alinhavos do grupo-pesquisador em seu diálogo com o referencial metodológico</i> | 138 |
| <i>"Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia"</i> | 152 |
| Capítulo 6. ENTRE FIAR-E-DEFIAR: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO | |
| AMBIENTAL DIALÓGICA | 157 |
| <i>Estrangeiro em mim</i> | 160 |
| <i>Equívocos</i> | 168 |
| <i>Possíveis veredas teórico-metodológicas: trajetórias individuais</i> | 172 |
| <i>Possíveis veredas teórico-metodológicas: trajetórias que percorro partindo do grupo-pesquisador</i> | 177 |
| <i>Relação entre sujeitos-historicidade-ambiente</i> | 177 |
| <i>Participação como exercício de diálogo</i> | 178 |
| <i>Educação como prática social</i> | 179 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 181 |
| APÊNDICES | 188 |
| <i>1. Produção do grupo-pesquisador ao longo do projeto temático...</i> | |
| <i>2. Trabalhos de campo realizados (1999-2003)</i> | |
| <i>3. Encontros de discussão e integração do grupo-pesquisador (2000-2003)</i> | |
| <i>4. Publicações do grupo-pesquisador</i> | |
| <i>5. Participação do grupo-pesquisador em congressos, seminários e encontros</i> | |
| <i>6. Mini-cursos ministrados pelo grupo-pesquisador</i> | |
| <i>7. Planilha de contatos no Vale do Ribeira</i> | |

Apresentação

*Início de 1999. Um momento entre duas águas. De um lado, um projeto que finalizava e, tão logo, a possibilidade de um outro iniciar-se. Dois contextos muito diversos: o primeiro era um projeto de arte-educação ambiental numa escola pública municipal, no distrito de Barão Geraldo, em Campinas¹; o segundo, um dos braços de um projeto temático a se desenvolver no Vale do Ribeira - educação ambiental relacionada a conflitos em Unidades de Conservação. No primeiro, a linguagem da dança, do *clown*, do teatro, do cordel movia atividades de educação ambiental com o intuito de resignificar a relação da comunidade escolar com os espaços públicos de seu bairro. O segundo era uma oportunidade de relacionar pesquisa e intervenção em educação ambiental. Os dois desenvolviam-se como trabalhos em grupo. O primeiro era composto por arte-educadoras-ambientais, sendo que, das cinco componentes, quatro assumiam o prefixo da expressão, ao que eu compunha com contribuições do *ambiental*. O segundo grupo estava ainda por se formar.*

Aos meus olhos, curiosos e assustados ante aquele momento compreendido como desafio e oportunidade, pareciam dois trabalhos desconexos. Hoje posso notar que a alquimia em combinar diferentes desejos, linguagens e interesses num diálogo paciente e constante, que aprendi na coordenação junto àquele grupo de arte-educadoras, muito me ajudou na formação e coordenação do grupo que seria responsável pelo segundo trabalho. Agora estes elementos compõem-se em outros sentidos, reconfigurados pelo olhar que lhes lanço a partir do horizonte desta tese de doutorado.

Desenvolvo as reflexões desta pesquisa a partir de um foco: a produção coletiva de conhecimento no interior do grupo de pesquisa em educação ambiental, formado para desenvolvimento do projeto temático *Floresta & Mar: usos e conflitos no*

¹ Projeto *Respeitável Público*, desenvolvido por Ana Raquel Mota Fernandes, Eliana Kefalás Oliveira, Maria Rita Avanzi, Pérola Ribeiro, Silvia Fonseca, com o apoio da Fundação Abrinq para os direitos da criança. Seu propósito era contribuir para um processo de resignificação dos sentidos atribuídos a espaços públicos, tendo como foco a escola.

Vale do Ribeira e Litoral Sul. Não é possível separar o diálogo que se deu internamente no grupo de pesquisa dos diálogos estabelecidos com os moradores e moradoras do Vale do Ribeira durante a construção e implementação de propostas de pesquisa-intervenção.

Gostaria de apresentar o tema da pesquisa a partir deste eixo, o diálogo. A investigação trata sobre a possibilidade de se construir projetos em educação ambiental, deflagrando relações dialógicas. Subjacente à proposta explicitada, parece-me que segue uma suposição, a de que uma educação ambiental dialógica permite a manifestação das potencialidades de indivíduos e grupos envolvidos, sendo um caminho para processos emancipatórios.

Desde a realização de meu mestrado, figurava como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – Nepam -da Unicamp, onde estava sediado o projeto temático *Floresta & Mar*. Na ocasião da elaboração da proposta para agência financiadora, em dezembro de 1997, fui convidada a compor a equipe do temático atuando no componente *Intervenções e Educação Ambiental*, um dos três eixos de trabalho que o compunham. Foi no início de 1999 que assumi o papel de coordenação deste componente ao lado de outro pesquisador associado² ao Núcleo, participando da formação da equipe que desenvolveria as atividades de pesquisa-intervenção em educação ambiental no Vale do Ribeira e acompanhando o andamento dos trabalhos até dezembro de 2002.

Em minha trajetória profissional, percorrendo caminhos que me traziam das Ciências Biológicas rumo à educação ambiental, havia me aproximado do Nepam em busca elementos das Ciências Sociais e Humanas para discutir a temática ambiental. Pude aprender muito compondo equipes interdisciplinares do Núcleo, atuando na sub-coordenação de um curso de especialização, participando da edição da Revista Ambiente & Sociedade. Eram lições do meio acadêmico, de como se dão os debates entre áreas do conhecimento, de como se organizam as regras para funcionamento dos projetos de pesquisa e ensino, do quanto de trabalho há nos

² Ademir Donizetti Caldeira, que esteve na coordenação deste componente até abril de 2001.

bastidores de um curso que se apresenta, de uma pesquisa que se desenvolve, de uma revista que se publica.

Hoje, ao revisitar a produção do grupo responsável pelas pesquisas-intervenção no Vale do Ribeira, identifico, no tom que assumia a coordenação, muitos elementos que fui colhendo em minha trajetória pessoal e profissional. Ao notar a forte hierarquia presente no meio acadêmico, em contraposição a outros espaços em que atuava, parti em busca de uma coordenação que tecesse caminhos como fios de uma rede, sem hierarquias. Ajudaram-me, portanto, aprendizados que vieram de meu envolvimento com a arte, com a busca de outras linguagens para comunicação do que se pensa e do que se sente; as experiências que vieram de meu envolvimento com Organizações não governamentais: *Girasonhos* e *Cedap* em Campinas, *Instituto Paulo Freire* em São Paulo, *Águas Claras* em Pocinhos do Rio Verde, Minas Gerais; e ainda, muitos elementos de minha origem caipira do interior de São Paulo.

No interior do grupo de pesquisa em educação ambiental e no desenvolvimento das propostas de pesquisa-intervenção com grupos de moradores e moradoras do Vale do Ribeira, estivemos em busca de possibilitar um encontro de diferentes formas de interpretação da realidade. Não se tratava de impor um conhecimento construído no universo acadêmico para aqueles moradores e moradoras, mas buscar um *confronto comunicativo* (Santos, 1999) de nossas *leituras de mundo* (Freire, 1999) com as suas, construindo a partir daí caminhos para se pensar e atuar sobre a realidade.

As metáforas de rede, teia, da arte de tecer estarão percorrendo os vários momentos desta tese, em que acompanho esta trajetória de pesquisa em grupo. Reservo um item específico do segundo capítulo para dialogar com os elementos que esta metáfora sugere, por isso não me alongo sobre eles aqui. Cabe dizer que os fios que estarei percorrendo são aqueles do grupo de pesquisa, ao qual me refiro como *grupo-pesquisador*. E, a partir destes, puxarei outros que dão concretude à produção coletiva, fios trazidos da pesquisa-intervenção junto a grupos no Vale do Ribeira. É como se olhasse a partir das lentes do grupo-pesquisador. O propósito,

no entanto, não é avaliar o alcance dos trabalhos de educação ambiental implementados. O objetivo desta pesquisa que ora se apresenta é identificar, no processo de produção coletiva do grupo-pesquisador, elementos que possam contribuir com proposições teórico-metodológicas para uma educação ambiental fundada no diálogo entre saberes, alicerçados em diferentes contextos culturais.

Quais sentidos se configuram nesse processo que poderiam sinalizar algumas contribuições teórico-metodológicas para uma educação ambiental dialógica? Assumir a dialogicidade em práticas educativas garante a construção de caminhos emancipatórios?

Esses são alguns dos questionamentos que movem este trabalho, que se desenvolve como uma pesquisa participativa, com elementos da pesquisa-ação e da pesquisa-intervenção. Lanço, dessa forma, um olhar para o processo vivido por um grupo do qual participei ativamente como coordenadora. É, portanto, também minha experiência de educadora que está em foco, uma vez que participei da construção das propostas de pesquisa-intervenção implementadas e do desenvolvimento de atividades no Vale do Ribeira, assim como facilitei, junto a outras integrantes do grupo-pesquisador, momentos de reflexão sobre nossa prática. Trago neste texto uma das possibilidades de se contar esta experiência coletiva de pesquisa, ou talvez seria melhor dizer *estas experiências de pesquisa*. Trago, portanto, uma interpretação, que, como toda interpretação, é incompleta.

Busco na hermenêutica a orientação filosófica do trabalho. As proposições trazidas pela hermenêutica filosófica ajudaram a compreender-me como sujeito conhecedor que está inserido no próprio processo que busco conhecer, contribuindo também para considerar a impossibilidade de acessar a totalidade do objeto em meu esforço de compreensão. O que pretendo com este estudo, portanto, não é esgotar a amplitude dos muitos sentidos possíveis desta experiência junto ao grupo-pesquisador. Nem tenho como pretensão dizer qual é o caminho teórico-metodológico para se construir práticas dialógicas em educação ambiental. Trata-se de perceber esta tese inserida na historicidade e, portanto, consciente dos limites e do horizonte a partir de onde ela se constrói.

Focar o trabalho do grupo-pesquisador sob a perspectiva hermenêutica significa, portanto, dizer que na escuta das vozes que do grupo ecoam, não temos uma linguagem uníssona que trilha os mesmos caminhos de interpretação de sua experiência ou canta num mesmo canto o que foi construído. São muitas as possíveis interpretações e narrativas que podem ser construídas do que tem sido o trabalho do grupo e da relação de cada uma de suas integrantes com a educação ambiental. Importante também destacar que os caminhos teóricos que cada integrante do grupo percorreu foram tecidos a partir de sua trajetória própria. Portanto, se trago elementos da hermenêutica e da dialética como opções teórico-metodológicas para olhar para este processo, não significa que o recorte do grupo-pesquisador como um todo seja este.

Gostaria de trazer para o leitor e leitora um pouco de minhas opções para a escrita deste texto. Primeiro dizer que minha intenção foi apresentar o trabalho como um movimento - entre o individual e o coletivo, entre o estranho e o familiar, entre um sentido projetado para uma proposta de educação ambiental e sua reconfiguração no processo - portanto a noção de *círculo hermenêutico* a qual recorro é central para o desenvolvimento desta narrativa. Minha opção não foi seguir um caminho cronológico para trazer a trajetória do grupo, mas procurar mostrar esse movimento em cada capítulo da tese. Portanto, penso que não há necessidade do leitor ou da leitora percorrê-los na seqüência em que aqui se apresentam.

Outra opção que fiz foi usar o artigo feminino para me referir às integrantes do grupo-pesquisador, pois foi composto por sete mulheres que participaram, desde março de 1999, das fases de elaboração da proposta, implementação e reflexão sobre a mesma, e da produção coletiva que é objeto desta tese. Após o término do projeto temático, o grupo continuou sua atividade conjunta até fevereiro de 2004. Neste período, houve flutuações em sua composição. O olhar que lanço não desconsidera estas reconfigurações, no entanto, é a este coletivo que estive se reunindo ritmicamente que estarei me referindo no texto que se segue. Se o propósito inicial era o desenvolvimento do projeto temático *Floresta & Mar*, o que teria duração de quatro anos, há algo que permaneceu e manteve um coletivo

mesmo depois de finalizado o trabalho junto aos grupos do Vale do Ribeira em dezembro de 2002.

O que une este coletivo? Quais seriam os pontos de encontro e as divergências que foram se tecendo neste processo? Quais caminhos são apontados pelas experiências deste grupo-pesquisador acerca da construção coletiva de conhecimento que possam ser ampliados para outros grupos? Estas são também perguntas que movem o desenvolvimento deste estudo.

A tese está organizada em seis capítulos. O primeiro capítulo foi pensado como aquela fase inicial do diálogo, que é importante para “esquentar a prosa”. Ele apresenta o grupo-pesquisador, situando inclusive o porquê do uso deste termo. Cabe dizer, que ao invés de listar de início o nome de todas as integrantes do grupo, optei por apresentá-las uma a uma como se seu olhar particular sobre o fazer do grupo fosse adentrando a cena deste texto. Nele também faço um convite a uma aproximação à realidade do Vale do Ribeira e aos conflitos que se configuram em torno da temática ambiental. Trago narrativas de integrantes do grupo-pesquisador sobre as localidades em que se desenvolveram as propostas de pesquisa-intervenção para então apresentar cada uma das propostas.

O segundo capítulo apresenta a metáfora da rede e da arte de tecer a partir de um breve estudo que traz elementos da literatura brasileira e mundial, da antropologia do imaginário e do conhecimento como rede. Utilizo-me destes elementos para mostrar o movimento do grupo-pesquisador a que me referi acima, destacando algumas características de seu fazer pesquisa.

O terceiro capítulo conta minha incursão pela hermenêutica gadameriana. É aqui que faço um aprofundamento na noção de diálogo, procurando compreendê-lo sob alguns pressupostos da hermenêutica filosófica. Este adentrar pela hermenêutica foi contribuindo para que pudesse pensar a educação ambiental dialógica sob uma abordagem interpretativa e este alinhavo vai sendo trazido durante o capítulo. Foi importante também para o meu processo de aproximação da hermenêutica compreender seu confronto argumentativo com a dialética, o que apresento a partir de uma breve leitura de Habermas e de Paulo Freire.

O quarto capítulo procura situar a concepção de educação ambiental, sistematizada depois de dois anos de atividade do grupo-pesquisador e que, a partir daí orientou seus trabalhos, mas que receberia outras configurações quando dinamizada pela prática. Na amplitude multifacetada do campo ambiental e da própria educação ambiental, trazida especialmente a partir de colocações de Isabel Carvalho e Mauro Grün, procuro situar as opções e delineamentos do grupo. Neste quarto capítulo, teço meus bordados sobre os dois primeiros anos de produção coletiva do grupo, dialogando com as contribuições que Eda Tassara traz para o debate na área ambiental e com a noção de *comunidades interpretativas* de Boaventura de Souza Santos.

O quinto capítulo traz a metodologia desta pesquisa de doutorado, relacionando-a com a metodologia de trabalho do grupo-pesquisador. É uma descrição em diálogo com a teoria, em que procuro apresentar as reconfigurações que a proposta inicial do grupo-pesquisador foi ganhando e as releituras que, da prática, lançamos sobre as propostas metodológicas da qual partimos para realização do trabalho. Trata-se da própria trajetória do saber experiência do grupo, composto pelas leituras e trocas acadêmicas e pela dinamicidade que a prática e a reflexão dão aos conceitos, reelaborando-os.

No sexto capítulo, teço as considerações finais em sua *incompletude* e em seu *inacabamento*, conforme aprendi com a hermenêutica filosófica e com a pedagogia freireana. Retomo uma discussão a respeito do porquê do adjetivo *ambiental* para a educação e apresento as trilhas teóricas que cada pesquisadora percorreu para desenvolver seu trabalho, finalizando com alguns elementos que, no meu entender, poderiam contribuir com outras elaborações teórico-metodológicas que vêm sendo produzidas sobre educação ambiental.

Numa tentativa de deixar falar também as outras autoras desta proposta educativa que está em foco, de deixar que suas narrativas falem por si criei um espaço que denomino *Entrelinhas*. São trechos de depoimentos ou de textos escritos pelas integrantes do grupo-pesquisador nos quais minha interferência foi a de seleção do que os comporia, não comento nenhuma destas passagens. Trago-as num

papel de tonalidade diferente à do texto da tese para facilitar ao leitor e leitora a identificação destas passagens, com o intuito também de dar-lhe a opção de retornar a elas, de não lê-las ou de centrar sua leitura apenas nelas.

Il libro è stato stampato
in un'edizione limitata
di 1000 esemplari
per la casa editrice
"L'Espresso".

CAPITULO I

Il mondo è un teatro

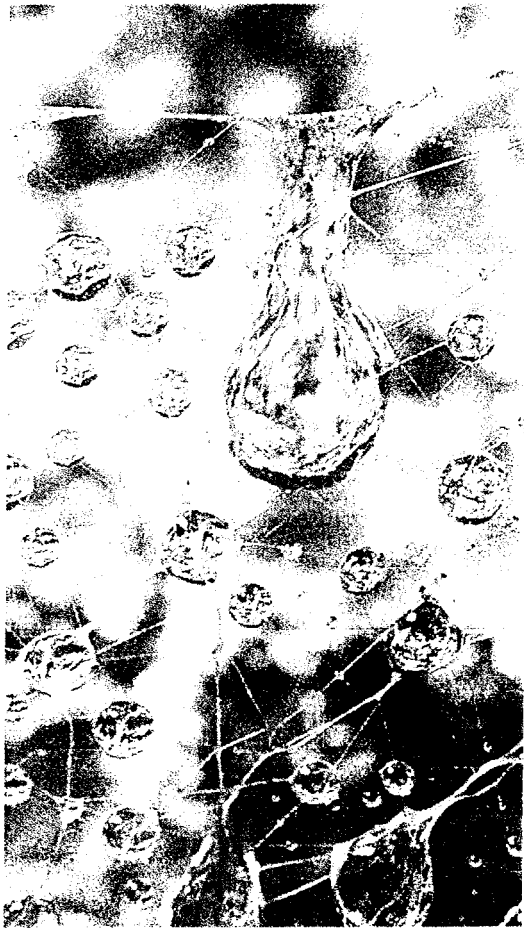


Foto: Zig Koch

Il mondo è un teatro,
e noi ne siamo i pupazzi.
Ma se noi pupazzi
possiamo muoverci,
perché non possiamo
anche noi muoverci?

Il mondo è un teatro
di Luigi Pirandello

Pra começo de conversa

Um diálogo acontece quando dois seres se encontram. Não é o fato de que nos experimentamos, mas sim o que faz do diálogo um diálogo, mas que dois seres se encontram no encontro que ainda não haviamos encontrado em nossa experiência própria do mundo.

Hans-Georg Gadamer

